



A FAMÍLIA PERFEITA

Cuidado com quem você deixa entrar.
Algumas pessoas se recusam a sair.

LISA JEWELL

A FAMÍLIA PERFEITA

LISA JEWELL

Tradução de Thaís Britto



Copyright © 2019 by Lisa Jewell

Proibida a venda em Portugal.

TÍTULO ORIGINAL
The Family Upstairs

COPIDESQUE
Isabel Rodrigues

REVISÃO
Júlia Ribeiro
Laiane Flores
Thais Entriel
Iuri Pavan

REVISÃO DE E-BOOK
Juliana Latini

GERAÇÃO DE E-BOOK
Érico Dorea

E-ISBN
978-65-5560-474-0

Edição digital: 2022

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar

22451-041 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

 intrinseca.com.br

 [@intrinseca](https://twitter.com/intrinseca)

 [edoraintrinseca](https://www.facebook.com/edoraintrinseca)

 [@intrinseca](https://www.instagram.com/intrinseca)

 [@edoraintrinseca](https://www.tiktok.com/@edoraintrinseca)

 [intrinsecaeditora](https://www.youtube.com/intrinsecaeditora)

Este livro é dedicado aos meus leitores, com amor e gratidão.

1

Libby pega a carta sobre o capacho e a revira nas mãos. Parece bem formal: o envelope é bege, feito em papel de alta qualidade, e parece até ter um forro de tecido. No carimbo do correio lê-se: “Smithkin Rudd & Royle Advogados — Chelsea Manor Street SW3.”

Ela leva a carta até a cozinha e a coloca sobre a mesa, enchendo a chaleira e pondo um saquinho de chá dentro da caneca. Libby já sabe o que tem naquele envelope. Ela fez vinte e cinco anos no último mês e, em seu subconsciente, já vinha esperando por ele. Mas, agora que o envelope está ali na sua frente, não tem certeza de que está pronta para abri-lo.

Ela pega o telefone e liga para a mãe.

— Mãe — diz ela. — Chegou. A carta dos administradores.

Libby escuta o silêncio do outro lado da linha. Imagina a mãe em sua própria cozinha, a mais de mil quilômetros de distância, em Dénia: armários de um branco imaculado, utensílios combinando em verde-limão, portas de correr envidraçadas que dão acesso a uma pequena varanda com vista para o Mediterrâneo ao longe, o celular na orelha com a capinha cravejada de cristais a que ela chama de *minha ostentação*.

— Ah — diz ela. — Ok. Caramba. Você já abriu?

— Não. Ainda não. Estou tomando um chá antes.

— Ok — diz ela novamente. E então continua. — Quer que eu fique na linha? Enquanto você abre?

— Quero — responde Libby. — Por favor.

Ela está levemente sem fôlego, do mesmo jeito que fica às vezes, momentos antes de se levantar e fazer uma apresentação de vendas no trabalho, como se tivesse tomado um café forte. Tira o saquinho de chá da caneca e se senta. Percorre com os dedos os cantos do envelope e respira fundo.

— Certo — diz ela para a mãe. — Estou abrindo. Estou abrindo agora.

A mãe sabe o que tem ali. Ou ao menos tem uma ideia, embora nunca tenha sido oficialmente informada sobre o que haveria no fundo. Como ela sempre dizia, pode ser só um bule de chá e uma nota de dez libras.

Libby pigarreia e passa o dedo sob a aba do envelope, então tira de dentro uma folha grossa de papel bege e dá uma lida rápida.

Para a srta. Libby Louise Jones

Como administrador do fundo de Henry e Martina Lamb criado em 12 de julho de 1977, sugiro fazer a transferência para você conforme descrito no documento anexo.

Ela deixa a carta de apresentação de lado e pega o restante dos papéis.

— E então? — pergunta a mãe, ofegante.

— Ainda lendo — responde.

Ela passa os olhos pelas páginas e o nome de uma propriedade lhe chama a atenção. Cheyne Walk, 16, SW3. Ela deduz que é a casa onde seus pais biológicos moravam quando morreram. Libby sabe que ficava em Chelsea. E que era grande. Mas imaginava que já não existia mais, que tinha sido abandonada. Ou vendida. Sua respiração fica presa no fundo da garganta quando se dá conta do que acabou de ler.

— É... — diz.

— O quê?

— Parece que... Não, não é possível.

— O quê?!

— A casa. Eles deixaram a casa para mim.

— A casa de Chelsea?

— É.

— A casa inteira?

— Acho que sim.

Uma parte da carta de apresentação menciona que nenhuma outra pessoa citada no fundo se apresentou em tempo hábil. Ela ainda não conseguiu digerir a informação.

— Meu Deus. Aquilo deve valer...

Libby respira com dificuldade e olha para o teto.

— Devem ter se enganado — diz ela. — Só pode ser isso.

— Procure os advogados — sugere a mãe. — Ligue para eles. Marque uma reunião. Confirme se não é um engano.

— Mas e se não for? E se for verdade?

— Bom, aí, meu anjo — diz a mãe, e Libby consegue visualizar seu sorriso mesmo a quilômetros de distância. — Você vai ser uma mulher bem rica.

*

Libby encerra a chamada e olha ao redor, para a cozinha. Há cinco minutos, essa era a única cozinha pela qual ela podia pagar; esse apartamento, o único que ela podia comprar, nessa rua silenciosa cheia de casinhas com sacada nos cafundós de St. Albans. Ela se lembra das casas e apartamentos que viu enquanto procurava na internet, os breves suspiros quando encontrava um lugar perfeito: uma varanda banhada de sol, uma cozinha com espaço para fazer as refeições, uma casa a cinco minutos de distância a pé até a estação mais próxima, uma janela antiga com vitral, talvez o barulho de sinos de uma catedral do outro lado de um parque, e então conferia o preço e se sentia ridícula por achar que aquilo poderia ser dela.

No fim das contas, Libby abriu mão de tudo o que queria para ficar em um lugar próximo ao trabalho e não muito longe da estação de trem. Não sentiu nenhum frio na barriga ao passar pela porta; seu coração não disse nada enquanto o corretor lhe mostrava o imóvel. Mas ela o transformou num lar do qual se orgulhava, garimpando meticulosamente tudo que a loja de móveis mais barata tinha de melhor, e agora aquele apartamento de um quarto mal convertido e ligeiramente desajeitado a fazia feliz. Ela o tinha comprado; ela o decorou. Era seu.

Mas pelo jeito agora ela era a proprietária de um imóvel que ficava na rua mais chique de Chelsea, e de repente seu apartamento parecia uma piada, assim como tudo que era importante para ela cinco minutos antes: o aumento de mil e quinhentas libras por ano que tinha acabado de ganhar no trabalho, a festa de despedida de solteira em Barcelona no mês seguinte para a qual ela passou seis meses economizando, a sombra da MAC que tinha “se permitido” comprar na semana anterior para comemorar o aumento — aquela empolgação que sentiu ao deixar de lado seu orçamento perfeitamente calculado para usufruir um momento de luxo em uma loja de roupas de grife, a sacolinha leve com a maquiagem caríssima pendurada em sua mão, o arrepio ao guardar a pequena embalagem preta na bolsinha de maquiagem, sabendo que ela era a dona daquilo e que talvez pudesse até usá-la em Barcelona, onde também poderia usar o vestido que a mãe comprou para ela no Natal, aquele com rendas, de uma marca famosa, que ela estava namorando havia tempos. Cinco minutos atrás, suas alegrias na vida eram pequenas concessões inconsequentes, esperadas e conquistadas com esforço e economia, que não mudavam absolutamente nada no todo, mas davam a sua vida aquele brilho suficiente para que valesse a pena sair da cama todos os dias e ir para um trabalho do qual ela gostava, mas não amava.

Agora ela é a proprietária de uma casa em Chelsea, e todos os parâmetros da sua vida acabaram de ir para o espaço.

Ela coloca a carta de volta no envelope chique e termina de beber o chá.

2

Uma tempestade está prestes a cair sobre a Côte d'Azur; no horizonte, o céu escuro, da cor de uma ameixa, parece pesado sobre Lucy. Ela coloca uma das mãos na cabeça, pega o prato vazio da filha com a outra e o põe no chão, para que o cachorro lamba os restinhos de molho e frango.

— Marco — diz ela ao filho. — Termine de comer.

— Não estou com fome — responde ele.

Lucy sente a raiva latejando em suas têmporas. A tempestade está se aproximando; ela consegue sentir a umidade fria em meio ao ar quente.

— É só isso — diz ela, a voz entrecortada, se esforçando para não gritar. — É só isso que temos para comer hoje. Acabou o dinheiro. Não tem mais. Não venha me dizer depois, na hora de dormir, que está com fome. Vai ser tarde demais. Coma. Por favor.

Resignado, Marco balança a cabeça e corta o pedaço de frango. Ela olha para o topo da cabeça dele, o cabelo grosso e castanho fazendo uma espiral nos dois redemoinhos. Ela tenta se lembrar da última vez em que todos eles lavaram o cabelo, mas não consegue.

— Mamãe, posso comer a sobremesa? — pergunta Stella.

Lucy olha para ela. Stella tem cinco anos e foi o melhor erro que Lucy cometeu. Devia responder que não; é tão rígida com Marco, não deveria ser indulgente com a irmã. Mas Stella é tão boazinha, tão dócil e fácil de lidar. Como poderia negar a ela um docinho?

— Se Marco comer todo o frango, podemos dividir um sorvete — diz, com calma.

Isso é claramente injusto com Stella, que terminou de comer o frango há dez minutos e não deveria precisar esperar o irmão terminar o dele. Mas o senso de injustiça de Stella parece não estar totalmente desenvolvido ainda, então ela concorda e diz:

— Coma rápido, Marco!

Lucy retira o prato de Marco quando ele termina e o coloca no chão para o cachorro. E então vem o sorvete. São três sabores numa tigela de vidro, com cobertura de chocolate, farofa de castanha e uma palmeirinha cor-de-rosa em papel metálico espetada num palito de drinque.

A cabeça de Lucy lateja novamente, e ela volta o olhar para o horizonte. Precisam encontrar um abrigo, e tem que ser rápido. Ela pede a conta e coloca o cartão no pires; digita a senha na maquininha, prendendo a respiração ao constatar que não há mais dinheiro nenhum naquela conta, nem em qualquer outro lugar.

Ela espera Stella terminar de lambe a tigela, desamarra a coleira do cachorro do pé da mesa e recolhe as bolsas, entregando duas para Marco e uma para Stella.

— Para onde vamos? — pergunta Marco.

Seus olhos castanhos estão sérios, sua expressão ansiosa.

Ela respira fundo. Olha para um lado, as ruas indo em direção ao centro histórico de Nice, e, para o outro, as que dão no mar. Olha até para o cachorro, como se ele pudesse ter uma boa sugestão. Ele a encara com avidez, como se esperasse outro prato para lambe. Só existe um lugar para ir, o último lugar onde ela gostaria de estar. Mas Lucy dá um jeito de abrir um sorriso.

— Já sei — diz ela. — Vamos visitar a *mémé*!

Marco resmunga. Stella faz cara de quem está em dúvida. Os dois se lembram de como foi a última vez que ficaram com a avó de Stella. Samia já foi uma estrela do cinema na Argélia, mas agora tem setenta anos, é cega de um olho e mora junto com a filha adulta deficiente num apartamento imundo no sétimo andar de um prédio em L'Ariane. O marido morreu quando Samia tinha apenas cinquenta e cinco anos, e seu único filho, o pai de Stella, desapareceu há três e nunca entrou em contato. Samia é bruta e revoltada, e com motivo. Mas ela tem um teto e um chão; tem travesseiros e água encanada. Neste momento, ela tem tudo que Lucy não pode oferecer aos filhos.

— Só por uma noite — diz ela. — Só por hoje, e depois vou arrumar alguma coisa para amanhã. Prometo.

Eles chegam ao apartamento de Samia bem na hora em que a chuva começa a cair, pequenas gotas pesadas explodindo sobre a calçada quente. Dentro do elevador todo grafitado, a caminho do sétimo andar, Lucy sente o cheiro deles mesmos: o odor úmido de roupas sujas, os cabelos ensebados, tênis em uso há muito tempo. O cachorro, com o pelo denso e emaranhado, tem um cheiro especialmente horrível.

— Não posso — diz Samia, na porta, bloqueando a entrada. — Não posso. Mazie está doente. A cuidadora precisa dormir aqui hoje. Não tem espaço. Simplesmente não tem espaço.

O estrondo de um trovão ressoa e, atrás deles, o céu fica branco por um instante. A chuva começa a cair torrencialmente. Lucy olha para Samia com uma expressão de desespero.

— Não temos outro lugar para ir — diz.

— Eu sei — responde Samia. — Sei disso. Posso ficar com Stella. Mas você, o garoto e o cachorro, sinto muito. Vão ter que encontrar outro lugar.

Lucy sente Stella se agarrar em sua perna, um calafrio de desconforto percorrendo o corpinho dela.

— Quero ficar com você — sussurra para Lucy. — Não quero ficar aqui se você não ficar comigo.

Lucy se agacha e segura as mãos de Stella. Os olhos dela são verdes, como os do pai, o cabelo escuro tem mechas alouradas, a pele do rosto é marrom-escura, bronzeada após o longo e quente verão. Ela é uma criança linda; às vezes as pessoas param Lucy na rua para dizer isso, impressionadas.

— Querida — diz. — Você vai ficar sequinha aqui. Vai poder tomar um banho. *Mémé* vai ler uma história para você...

Samia concorda com a cabeça.

— Posso ler aquela que você gosta, sobre a lua.

Stella se agarra com mais força a Lucy. A mulher sente a paciência se esgotando. Daria qualquer coisa para poder dormir na cama de *mémé*, para que alguém lesse um livro sobre a lua para ela, para tomar um banho e vestir um pijama limpo.

— É só uma noite, meu amor. Amanhã bem cedo vou estar aqui para buscar você. Está bem?

Ela sente Stella concordando com a cabeça, ainda encostada em seu ombro, a respiração pesada em meio às lágrimas.

— Está bem, mamãe — diz Stella, e Lucy a conduz para dentro do apartamento de Samia antes que uma das duas mude de ideia.

E então sobram ela, Marco e o cachorro, com os tapetes de ioga nas costas, saindo em direção à chuva torrencial, na escuridão da noite, sem ter para onde ir.

Durante um tempo eles se abrigam sob o viaduto. O som constante dos pneus dos carros sobre o asfalto quente e molhado é ensurdecedor. A chuva continua caindo.

Marco está com o cachorro no colo, o rosto apoiado nas costas do animal.

Ele olha para Lucy.

— Por que nossa vida é essa merda? — pergunta.

— Você sabe por que nossa vida é uma merda — responde ela, irritada.

— Mas por que você não faz nada para resolver?

— Estou tentando.

— Não está, não. Você está afundando a gente.

— *Estou tentando!* — grita ela, lançando a ele um olhar furioso. — Todos os minutos de todos os dias.

Ele olha para ela, sem acreditar tanto assim. É esperto demais e a conhece muito bem. Ela solta um suspiro.

— Vou pegar meu violino de volta amanhã. Vou poder ganhar dinheiro de novo.

— E como vai pagar pelo conserto? — pergunta ele, com os olhos semicerrados fixos nela.

— Vou dar um jeito.

— Que jeito?

— Não sei, beleza? Não sei. Alguma coisa vai aparecer. Sempre aparece.

Ela dá as costas para o filho e volta o olhar para as luzes paralelas do semáforo brilhando em sua direção. Um estrondo de trovão explode sobre a cabeça dos dois, o céu se ilumina mais uma vez e a chuva fica ainda mais forte, ainda que isso parecesse impossível. Ela pega o celular surrado no bolso da mochila e liga o aparelho. Vê que só tem oito por cento de bateria e está prestes a desligá-lo novamente, quando olha a notificação do calendário. Está lá há semanas, mas ela não consegue cancelar.

Diz apenas: *o bebê tem vinte e cinco anos.*